

CONTO E RECONTO COMO ESTÍMULOS À LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO - CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR NA ALFABETIZAÇÃO: PROCESSOS QUE SE INTER- RELACIONAM

Suzamary Almira de Figueiredo¹

Beatriz Alves dos Santos²

Elineide Cavalcanti de Oliveira³

Evaristo Fernandes de Almeida⁴

Lorena dos Santos Mulatti⁵

Resumo: Esta pesquisa tem como tema central a importância do reconto para a alfabetização. O objetivo da pesquisa é discutir a importância de promover espaço para a leitura de contos e produção de recontos, nas salas de alfabetização, considerando o trabalho com esse gênero textual uma estratégia possível para o desenvolvimento de habilidades leitoras nas crianças e, por conseguinte, aquisição da escrita. Para tal, utilizou-se da perspectiva da pesquisa bibliográfica, tendo como instrumento de coleta de dados textos, livros e artigos que tratam da temática do conto e do reconto, focalizando nas questões atinentes à alfabetização. Foi analisado, nesse trabalho, a utilização do reconto como metodologia de ensino para contribuir com a alfabetização da criança, auxiliando, da mesma forma, para o letramento e aquisição de conhecimentos culturais, sociais e intelectuais. Essa pesquisa se subsidiou das concepções teóricas e discussões de autores como Bakhtin (1992) e Marcuschi (2002) e nas orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Básica (RCNEI) quanto dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Uma vez discutida a temática aqui apresentada, podemos afirmar que

1 Especialista em Libras pela Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: suzamaryfigueiredo@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Cruzeiro do Sul. E-mail: bialves1907@gmail.com

3 Doutoranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. E-mail: elineide16oliveira@gmail.com

4 Doutorando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS). E-mail: evaristo41@hotmail.com

5 Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Miami University of Science and Technology (MUST). E-mail: lorenmulatti12@gmail.com

as atividades que envolvem contato com o texto oral e/ou escrito, produzindo, ainda, a própria escrita como resultado dessa dinâmica contribuem para os processos de alfabetização, pois se parte do texto, dentro de um contexto e de um gênero determinados para estimular a criatividade e motivar o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, que envolvem essa etapa de ensino. Nesse movimento, o papel do professor é fundamental e se torna indispensável.

Palavras-chave: Reconto; alfabetização; aprendizagem; constituição do leitor.

Abstract: This research has as its central theme the importance of retelling for literacy. The objective of the research is to discuss the importance of promoting space for reading stories and producing retellings in literacy classrooms, considering working with this textual genre as a possible strategy for the development of reading skills in children and, consequently, acquisition of writing. To this end, we used the perspective of bibliographical research, having as instrument of data collection texts, books and articles that deal with the theme of short stories and retelling, focusing on issues related to literacy. In this work, the use of retelling as a teaching methodology to contribute to the child's literacy was analyzed, helping, in the same way, to the literacy and acquisition of cultural, social and intellectual knowledge. This research was based on the theoretical conceptions and discussions of authors such as Bakhtin (1992) and Marcuschi (2002) and on the guidelines of both the National Curriculum Framework for Basic Education (RCNEI) and the National Curriculum Parameters.

Keywords: retelling; literacy; learning; constitution of the reader.

Constituição do sujeito leitor na alfabetização: processos que se inter-relacionam

Esta seção busca dialogar com autores que tratam da alfabetização, na perspectiva do letramento, focalizando na constituição do sujeito leitor já no início desta etapa escolar tão importante ao desenvolvimento da criança e de suas capacidades, competências e potencialidades.

Para tanto, iniciamos trazendo o significado do termo alfabetização, apoiando- nos no Glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), dentre os vários conceitos existentes. Nele, Soares (1986, s/p) aponta que: “em síntese, alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, de um sistema notacional

que representa, por grafemas, os fonemas da fala”.

A autora ainda completa que a alfabetização é o ato de ensinar a ler e a escrever. Nesse sentido, ela complementa e apresenta o conceito de alfabetização como sendo próprio e particular, como processo de aquisição do código escrito, das capacidades de leitura e de escrita. Portanto, “a alfabetização [é] entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico” (SOARES, 2004, p. 16).

Para Paulo Freire (1983), a alfabetização é um ato fecundo, no qual o aluno entende na realidade a necessidade de aprender a ler e a escrever, motivando-se para ser o agente ativo desta aprendizagem. E consegue compreender que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler.

Para além de expandir o conhecimento, a prática da leitura aperfeiçoa o vocabulário e auxilia na construção textual. Essa é uma atitude de fundamental importância para a aprendizagem. A leitura, além de ajudar no aprendizado de conteúdos específicos, melhora a escrita.

Freire ainda ressalta, na sua obra *A importância do ato de ler em três artigos que se completam* (1989, p. 07), o valor da leitura: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Com essa declaração, Freire desperta um olhar para o mundo que se movimenta em sentido do sujeito em seu contexto que pode ser diferente do mundo da escolarização.

De acordo com Kleiman (2008), a leitura é muito mais do que o leitor introduzido no letramento:

A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico (KLEIMAN, 2008, s/p).

No caderno 5, do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)

defende-se que a alfabetização é processo em que as crianças aprendem não somente a ler e a escrever, mas também a falar e a escutar em diferentes contextos sociais, e que a leitura, a escrita, a fala e a escuta representam meios de apropriação de conhecimentos relevantes para a vida. (BRASIL, 2015, p. 8).

O PNAIC ainda aborda a alfabetização do ponto de vista do letramento, onde se procura possibilitar a aprendizagem no âmbito do exercício do sistema de escrita alfabética, de forma articulada e simultânea

às aprendizagens referentes aos usos sociais da escrita e da oralidade. O mesmo documento ressalta que o reconto de histórias faz parte desse processo.

A prática de contar e recontar histórias está presente na cultura humana desde a antiguidade. Utilizavam-se da oralidade, de gravuras, e depois do aperfeiçoamento da escrita, como forma de conhecimento, arte, prazer, lazer e assim se fez a História. No passado, as famílias tinham mais tempo e espaço para se reunir e conversar, trocar experiências e vivências do dia a dia. A prática de se contar histórias, permite a construção do lúdico, do sonho e da fantasia do ouvinte, levando-o a ampliar seus pontos de vista sobre a realidade, viver infinitas experiências e se emocionar de diversas maneiras.

O ser humano tem necessidades de viver experiências fora do mundo real, pois é no mundo da fantasia e do imaginário que o sujeito vivencia outras experiências e satisfaz muitos de seus desejos. Isso o torna mais forte e com maior capacidade de reflexão. Dessa forma percebe-se que, ao entrar no mundo do faz-de-conta, proporcionado pela contação de história, seja conto, piada ou um poema, o ouvinte tem a chance de fazer uma nova leitura do mundo real (CADERMATORI,1991).

Segundo Benjamim (1994), é a ausência de regras impostas que dá à imaginação a característica de um mundo sem fronteiras, possibilita articular ideias que vão além do raciocínio lógico e nos permite a percepção do que antes era desconhecido. Assim, pode-se dizer que o contador de histórias tem grande importância para o desenvolvimento humano em todas as suas fases, pois, em todos os momentos da vida experimenta diversas possibilidades oferecidas pelas histórias. É importante reconhecer que hoje, o ato de contar histórias está relacionado à comunicação, cultura, informação e lazer, e busca proporcionar valores, prazer, fantasia, criação e conhecimento, e ressaltar a importância de cada um desses elementos na formação do sujeito social.

Assim, pode-se afirmar que o ato de contar histórias, além de ser uma atividade inerente ao ser humano, é essencial para a sua formação como indivíduo construtor do próprio conhecimento, de sua própria formação intelectual e social. O contador tem o poder de reencenar o mundo, dando som e imagens às palavras, leva o outro para o mundo da fantasia quando o convida a brincar com seus próprios pensamentos, possibilitando que este vivencie experiências de formas diversas. De acordo com Coelho (2000, p. 53) as histórias infantis “têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer,

o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criançada”.

Paulo Freire (1997, p. 162) complementa: “Vejam uma regra incompreensível para as crianças: para aprender o que se ensina na escola é preciso ficar sentado numa cadeira, sem se mexer, sem se falar. Tanto é que, em qualquer oportunidade que apareça, as crianças as transgridem”. O mesmo escritor, em um dos seus discursos, enfatizou que “não há docência sem discência, que quem aprende ensina ao aprender, pois quem ensina, ensina alguma coisa a alguém e que a ação de ensinar inexistente sem a ação do aprender” (FREIRE, 1996, p. 23).

Sendo assim, o reconto, que é a reestruturação oral de um texto já existente, assume papel importante na alfabetização. Na reconstrução do texto, o que se busca é o apoderamento do texto modelo. Essa metodologia consiste em recontar algo similar com o que estava no livro, no jornal, na revista, ou no encarte, como se a criança fosse a autora. O objetivo é o assentimento ao texto escolhido, respeitando sua tipologia, as marcas do gênero, o tema e a sua estrutura, auxiliando assim, na alfabetização e no interesse à leitura de modo geral.

Leitura e constituição de leitores: estudo sobre leitura e formação do sujeito leitor

Inicialmente, deve-se considerar a etimologia da palavra leitura, que vem do latim *legere*, para compreender a importância desse ato em todo o processo de formação e construção do indivíduo.

Legere, significa, primeiramente, *contar*, *enumerar as letras*; em seguida, significa *colher* e, por último, *retirar*. Entende-se que a origem da palavra leitura mostra, em sua raiz, três níveis de compreensão: 1) a leitura enquanto decodificação ou decifração; 2) a leitura como uma colheita, por parte do leitor, e a 3) leitura enquanto construção do sentido por parte do leitor, na medida em que retira do texto, ou seja, se apropria de algo.

A leitura é uma prática antiga e que sofreu muitas modificações com a passagem dos séculos. No mundo antigo, onde ler era privilégio para poucos, a maioria da sociedade não conhecia os livros ou qualquer outro tipo de material escrito. Durante a idade média, a igreja controlava todo o tipo de leitura que a sociedade da época praticava. Santos (2011, p. 12) relata que:

As instituições religiosas não eram de acordo com os livros que

desvinculava a sociedade cristã, acreditavam que esses escritos poderiam transmitir uma ideia inadequada para os leitores, tendo a capacidade de expandir seus conteúdos em menor alvoroço, mas com a capacidade comparada de um pronunciamento em praça pública, nos quais suas ideias se espalhavam com muita rapidez, com isso surgiu o empenho de censurar as publicações tidas como inadequadas.

Com as mudanças ocorridas na sociedade e as inovações científicas, a leitura começou a ser vista como um bem necessário e uma ferramenta que trazia o conhecimento para que as pessoas pudessem desenvolver seu intelecto. Ainda de acordo com Santos (2011), a leitura, que antes não era aceita, passa a ser reconhecida como uma ação benéfica, pois desta forma os cidadãos viriam a ser cultos e teriam mais oportunidades de uma vida melhor.

Atualmente, o conceito sobre leitura é diferenciado, possui diversas modalidades, práticas e interesses específicos, pois é relevante durante o decorrer da nossa existência. É possível observar que esta é uma prática presente diariamente na vida dos indivíduos, se relaciona com diversas atividades, é indispensável em muitas ações.

A prática de leitura, na escola, acompanha todas as ações docentes e discentes, pois é indispensável à comunicação e à aquisição de elementos da linguagem entre os indivíduos. Dentro da perspectiva infantil, é associada ao conhecimento de mundo e à compreensão a respeito das relações humanas e sociais.

De acordo com Brito (2010, p. 9):

A leitura é algo muito amplo, não pode apenas ser considerada como uma interpretação dos signos do alfabeto. Produz sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido. Tal aprendizagem está ligada ao processo de formação geral de um indivíduo e sua capacitação dentro da sociedade, como por exemplo: a atuação política, econômica e cultural, o convívio com a sociedade, seja dentro da família ou no trabalho.

Neste contexto, a prática da leitura no Ensino Fundamental é um diferencial para o processo durante esta fase inicial da educação, na qual muitas crianças terão o primeiro contato com o alfabeto e conseqüentemente com os livros, oportunizando assim estímulos e aprendizados que podem ser um enriquecimento para o desenvolvimento.

As crianças, desde a tenra idade, são estimuladas a esses tipos de

linguagem e na escola serão promovidas estas ações contribuindo para a aprendizagem dos futuros leitores. Brandão e Leal (2011) especificam que na sociedade a criança tem contato constante com as letras desde quando nascem, em virtude de estarmos todos inseridos numa sociedade que privilegia a grafia, a escrita. E em diferentes contextos sociais e culturais e por meio de muitos materiais, configurando-se assim em uma aprendizagem antecipada.

Como ato social, a leitura pode aproximar os alunos de conceitos referentes à linguagem escrita e oral, que colaboram para o letramento e alfabetização, preparando para a inserção das crianças nos anos iniciais. A prática de leitura integrada aos métodos docentes é um processo contínuo, pois são ações diárias que irão influenciar na aquisição dos conhecimentos sobre a linguagem.

No contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a leitura é um instrumento relevante para o desenvolvimento e aquisição de conceitos e habilidades cognitivas. Com a finalidade voltada para a aprendizagem das crianças, é uma prática que pode ser desenvolvida de várias formas. Amorim e Farago (2015) afirmam que o exercício da leitura, desde a educação básica, é uma forma de potencializar a capacidade linguística, possibilitando a assimilação de conhecimentos, enquanto as crianças fazem descobertas, por meio de práticas e fazeres pedagógicos. A leitura deve ser realizada como atividade permanente, com uso de materiais próprios, livros e textos de acordo com a faixa etária, pois assim irão propiciar o gosto pela leitura.

De acordo com as orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação básica (RCNEI):

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita. A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis, revistas etc. que seja aconchegante e no qual as crianças possam manipulá-los e “lê-los” seja em momentos organizados ou espontaneamente. Deixar as crianças levarem um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com

a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura. (BRASIL, 1998, p. 135).

As práticas de leitura no âmbito da alfabetização são potencializadas com recursos, intervenções e métodos docentes, que viabilizam o progresso das atividades e o processo de ensino. Especificamente, o despertar pelo interesse dos alunos a respeito do ato de ler é essencial para o estímulo de aspectos ligados ao seu desenvolvimento.

A criança necessita ter contato com diversos tipos de livros e materiais mesmo que ainda não saiba ler, pois sabe-se que são feitos para todas as idades. Existem, por exemplo, livros feitos apenas com ilustrações bem coloridas, outros, com o nome de cada figura – palavra para que a criança tenha contato com a escrita e pratique a repetição.

A relação entre a criança e a leitura, quando realizada de forma natural, cuidadosa, respeitando a faixa de idade, trabalha o cognitivo e constrói valores na sua formação. Conforme afirma Goes (1990, p. 16), “a leitura para a criança não é, como às vezes se ouve, meio de evasão ou apenas compensação. É um modo de representação do real. Através de um ‘fingimento’, o leitor reage, reavalia, experimenta as próprias emoções e reações”.

Uma questão muito importante sobre a leitura na vida infantil são as descobertas que ela terá a oportunidade de realizar e os valores que irá atribuir e como isto fará diferença no futuro, levando em consideração que está formando sua personalidade. Pereira, Frazão e Santos (2012, p. 6) dizem que:

O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor. Por meio delas, a criança no caso, extrai diversas informações, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a absorção do conteúdo. Quando a criança é inserida no mundo da leitura é possível que vários questionamentos sejam compreendidos, entendidos.

A estratégia de leitura literária é um recurso muito utilizado durante as práticas leitoras nos anos iniciais. Pode ser realizado de forma dinâmica e lúdica, enriquecendo esta prática. A literatura nos espaços da Educação básica se apresenta como uma prática que contribui de forma marcante e essencial no desenvolvimento da criança desta modalidade de ensino:

Caberá, pois a escola ampliar essas competências que a criança possui antes da alfabetização, introduzindo-a no domínio de

alguns aspectos literários que já estão presentes em narrativas de livros infantis e dos quais o mais “natural” é a vivência de uma história. Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. (FARIA, 2009, p. 19).

Diversos aspectos são estimulados por meio desta prática, pois nela estão presentes variadas linguagens e um universo com muita diversidade e imaginação, sendo que com a utilização deste tipo de leitura, são instigados aprendizados significativos que estimulam a curiosidade, os sentimentos e as emoções que são possibilitadas nas histórias infantis (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Para Silva (1987), conforme a prática da leitura literária é realizada, como também, se feita de modo satisfatório, se mostra como ferramenta no desenvolvimento do conhecimento para os educandos, de forma que o interesse pela leitura se mostra significativo e com muita emoção. Nos momentos em que a leitura é realizada, costumes, culturas e diversas experiências construídas pela humanidade são transmitidos para os educandos. Por meio da junção de leitura e literatura, é oportunizada a concepção de conceitos, preparando e estimulando, para que, mais à frente, o educando tenha uma escrita satisfatória. O RCNEI cita que:

Para favorecer as práticas de leitura, algumas condições são consideradas essenciais. São elas:

- dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças;
- organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que têm boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o de modelo para as crianças;
- os livros, de forma que possam manuseá-los, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas;
- possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares. (BRASIL, 1998, p. 144).

As singularidades apresentadas no currículo, mediante as necessidades das crianças desta faixa etária, exigem ações e atividades

pertinentes para que o ensino alcance seus objetivos e neste sentido, a leitura, enquanto método, precisa de um planejamento e propósitos bem definidos. Assim, utilizar a leitura como metodologia de ensino pode ser uma forma de contribuição importante para preparar as crianças para a alfabetização, auxiliando, da mesma forma, para o letramento e aquisição de conhecimentos culturais, sociais e intelectuais.

Leitura nos processos de alfabetização e letramento

As séries iniciais do Ensino Fundamental são uma etapa da Educação Básica na qual a criança passa pelo processo de alfabetização e aprendizagem da língua materna, tomando conhecimento de códigos linguísticos, formas de uso da língua e, assim, vai sendo capacitada para interagir com a linguagem e comunicação. Durante estes processos, a prática de leitura é relevante para que o aluno tenha um aprendizado significativo e seja um sujeito ativo enquanto realiza a leitura de textos e se comunica com o mundo ao seu redor, e possa também fazer o uso competente dessas capacidades linguísticas.

A alfabetização e o letramento são ações interligadas, que ocorrem concomitantemente à prática de leitura por crianças inseridas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Partindo dos pressupostos a respeito da compreensão dos conceitos da temática em questão, é necessário para a reflexão compreender as teorias vigentes:

Ao tratarmos do tema alfabetização, é importante que façamos uma reflexão sobre o que consideramos o que ela seja. Durante muito tempo, pensamos que era alfabetizado quem sabia ler e escrever. De um modo geral, muitas pessoas pensam assim. Porém, atualmente, isso não é mais suficiente. Na verdade, apenas saber ler e escrever (ou seja, decodificar) não é suficiente para alguém ser considerado alfabetizado. (VALLE, 2013, p. 71).

Nos últimos anos, estudos dirigidos para área, pontuam sobre o ato da alfabetização com o desenvolvimento de práticas voltadas ao letramento. De acordo com Maciel e Lúcio (2008), a alfabetização e o letramento estimularam estudos e debates por um período, pois se trata de temas relevantes e que são constantes dentro da docência.

As ações que conduzem o trabalho do professor se configuram de forma que podem possibilitar a aquisição dos conhecimentos que vão efetivar a capacidade de ler e escrever, observando que essas ações são

voltadas para o aspecto social.

Quando o professor desenvolve uma prática de alfabetizar com uma concepção voltada para o letramento, faz também uma escolha que envolve parâmetros políticos, pois a leitura e escrita abrangem muito além de um tipo de tecnologia, como uma inserção social e de nível cultural:

Ao incorporarmos o conceito de letramento ao nosso vocabulário e principalmente à nossa prática educativa diária, estamos ressaltando que não nos contentamos em formar crianças que, mesmo alfabetizadas, tenham dificuldades de se apropriarem dos meios de escrita (e consigam somente escrever textos simples, por exemplo). Queremos crianças leitoras e produtoras de texto – em um nível que esteja de acordo com sua idade, seus conhecimentos, suas práticas, mas ainda assim, produtoras de texto. O uso do conceito de letramento nas práticas pedagógicas indica que alfabetização que estamos querendo realizar. (VALLE, 2013, p. 79).

As práticas docentes são relevantes e têm grande influência sobre o progresso no aprendizado dos alunos. O posicionamento dos professores durante a aplicação de atividades voltadas para esta finalidade necessita de planejamento com base e objetivos bem definidos.

Os métodos são procedimentos que visam o favorecimento de aquisição de conhecimentos, e neste contexto são a base para chegar aos resultados desejados quando se trata de ensinar de forma efetiva a leitura para as crianças que estão no contexto educacional das séries iniciais:

Assim, cabe ao professor realizar o trabalho de aquisição da tecnologia da escrita, somando à interação com diferentes textos escritos, bem como criar situações de aprendizagem que se aproximem do uso real da escrita fora da escola. O modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever. (MACIEL; LÚCIO, 2008, p. 32).

As práticas de leitura e a forma como são desenvolvidas em sala de aula, influenciam durante o ensino de alunos que estão sendo alfabetizados, pois este período é relevante para a formação de futuros leitores autônomos e competentes e que, respetivamente, possam ter o domínio da escrita e suas funções sociais.

Cavalcanti (2010) apresenta sua concepção a respeito de leitura, nessa perspectiva, destacando que, nela, acontece uma construção de sentidos, de forma que o leitor é um sujeito ativo e interage com a linguagem escrita.

Sobre o conceito de escrita, ainda segundo Cavalcanti, ela é um processo que demanda muito trabalho e atividades que desenvolvam as habilidades para tal. A autora também conclui que são ações interligadas (leitura e escrita) e mesmo que opostas para a formação de um leitor ou escritor, o progresso de ambos depende de práticas e atividades que sejam significativas. A leitura é apresentada como uma relevante prática enquanto a criança está sendo alfabetizada e após este período.

Para Solé (1998), as estratégias de leitura são importantes instrumentos para promover as interações leitor-texto em sala de aula, pois durante a leitura se constrói uma significação sobre a linguagem escrita:

Ler é compreender, e compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da repetição do conteúdo em questão. (SOLE, 1998, p. 44).

O ato de escrever está diretamente ligado à leitura, pois se configura como uma representação e expressão de ideias e informações transcrita por meio de signos linguísticos, sendo uma habilidade complexa e que necessita de um crescimento intelectual por parte da criança, pois se ela não desenvolver de forma razoável a leitura, a ação da escrita se apresenta como uma mera reprodução de letras e palavras. Nessa perspectiva, Soares afirma que:

Tal como a leitura, também a escrita, na sua dimensão individual, é um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, não só numerosos e variados, mas também radicalmente diferentes das habilidades e conhecimentos que constituem a leitura. Enquanto as habilidades de leitura se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de integrar informação obtida de diferentes textos, as habilidades e conhecimentos de escrita estendem-se desde a habilidade de simplesmente transcrever sons até a capacidade de comunicar-se adequadamente com um leitor em potencial. (SOARES, 2012, p. 153).

Neste sentido, compreende-se que estas duas práticas são a base principal para uma aprendizagem efetiva e progressiva, enquanto houver o alfabetizar e o letrar. As ações de ler e escrever, além de influenciarem na aprendizagem, estão voltadas para a produção textual, que é fundamental para a formação inicial dos alunos. Propiciar situações didáticas para exercitar essas habilidades, poderá facilitar e favorecer as ações docentes.

Os autores Rogério, Almeida e Silva (2017), apontam várias

alternativas para a produção textual com a intencionalidade voltada para exercitar a leitura, escrita e linguagem oral:

A criança que é encorajada a produzir textos aprende a função social da escrita e aprende sobre os elementos constituintes de um texto de determinado gênero textual. A professora pode propor situações didáticas de produção de texto da seguinte forma: planejando o que vai escrever, organizando o que se vai escrever ou que se está escrevendo e revisando o que foi escrito. (ROGÉRIO; ALMEIDA; SILVA, 2017, p. 126).

Portanto, a escola torna-se um agente colaborador para o andamento dessas práticas, pois dá a base pedagógica para a ação do professor, que é o principal responsável por incorporar uma ação didática que vá além de aquisição de habilidades e técnicas com finalidades linguísticas.

Lerner (2007) diz que é uma função fundamental atribuída à escola e professores, o ensino de leitura e escrita, passando a ser um desafio, pois além da alfabetização, deve-se também integrar a criança a uma cultura escrita, repensando essas atividades como práticas sociais.

Desta forma, é possível refletir no sentido da importância de praticar a leitura em diversos momentos e constantemente em sala de aula, na qual o plano de trabalho docente é a principal ferramenta para se chegar aos objetivos desejados. O papel do docente nas práticas de ensino é essencial para que o aprendizado dos alunos seja significativo, pois seus métodos e organização do trabalho pedagógico são facilitadores para o trabalho junto a seus alunos. Conforme Rogério, Almeida e Silva (2017, p. 138),

Planejar a organização do trabalho pedagógico demanda que esses professores superem alguns desafios, como: decidir o que ensinar, quando ensinar e como ensinar. Esses são desafios recorrentes, pois, a cada ano, as crianças estão em contato com um mundo de mudanças.

Assim, compreende-se que o papel do docente tem relevância e estímulos importantes, configurando-se no sentido de uma formação integral das crianças inseridas nos anos iniciais, sendo uma fase da educação escolar que demonstra ser essencial para a progressão dos estudantes.

A compreensão sobre leitura, e como essa prática é relevante durante a alfabetização, se volta para as concepções atuais da sociedade, a qual exige cidadãos críticos e reflexivos; leitores ativos. Essa postura pedida ao sujeito leitor está condicionada às mudanças pelas quais a educação passou. Os estudos e literaturas vigentes mostram como é importante o ensino que integra alfabetização e letramento, com a finalidade de formar

leitores conscientes de suas capacidades e percepções de leitura de mundo.

Referências

AMORIM, Meire Catalani Beluzo; FARAGO, Alessandra Corrêa. As práticas de leitura na educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, v. 2, n. 1, p. 134-154, 2015. Disponível em: http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042_015200353.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: ROSA, Ester Calland de Sousa. *Ler e Escrever na Educação Infantil – Discutindo práticas pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 13-32. Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/405832951/Ler-e-escrever-na-educacao-infantil-Discutindo-praticas-pedagogicas> . Acesso em: 28 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica/ Diretoria de Apoio e Gestão. *Pacto Nacional pela Alfabetização – caderno 5 (A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo da alfabetização)*. Brasília: SEB, 2015.

BRITO, Danielle Santos de. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. 2010. Disponível em: http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. *Professor, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Nelly. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

FARIA, Maria Alice. *Como usar literatura Infantil na sala de aula*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação*. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓES, Lucia Pimentel. *A aventura da Literatura para crianças*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2008.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola. In: LERNER, DELIA. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre a teoria e a prática. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. *Alfabetização e Letramento na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria (orgs). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

PEREIRA, Elana de Jesus; FRAZÃO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro dos. Leitura infantil: o valor da leitura para a formação de futuros leitores. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2162>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ROGÉRIO, Rosa Maria de Freitas; ALMEIDA, Silvia Cristina Herculano; SILVA, Andreia Corrêa da. *Letramento e Alfabetização*.

Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2017.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. *O brincar na escola: Metodologia Lúdico-vivencial, coletâneas de jogos, brinquedos e dinâmicas*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 4. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

SOARES, Gilda Rizzo. *Estudo comparativo dos métodos de ensino da leitura e da escrita*. 4. ed. Rio de Janeiro: Papelaria América Editora, 1986.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 30-50.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. *Revista Educere et Educare*, UNIOESTE, v. 6, n. 12, jul./dez 2011. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/viewFile/4643/4891>. Acesso em: 26 abr. 2021.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. *Metodologia de Alfabetização*. Curitiba: Intersaberes, 2013.